

*NOVENA DA
IMACULADA CONCEIÇÃO*



EDITADO POR 

The logo consists of the letters 'cc' in a bold, italicized font, with a red 'C' on top and a white 'c' below it, all contained within a circular emblem.

MEDITAÇÕES
NOVENA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

FONTE DOS TEXTOS E IMAGEM

opusdei.org/pt-pt

Meditações Novena da Imaculada Conceição

1. 30 de novembro, 1º dia da Novena da Imaculada
2. 1 de dezembro, 2º dia da Novena da Imaculada
3. 2 de dezembro, 3º dia da Novena da Imaculada
4. 3 de dezembro, 4º dia da Novena da Imaculada
5. 4 de dezembro, 5º dia da Novena da Imaculada
6. 5 de dezembro, 6º dia da Novena da Imaculada
7. 6 de dezembro, 7º dia da Novena da Imaculada
8. 7 de dezembro, 8º dia da Novena da Imaculada
9. 8 de dezembro, Imaculada Conceição de Maria

30 de novembro, 1º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 30 de novembro, primeiro dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: Maria, a bem-aventurada; a perplexidade dos ouvintes; a grandeza da Virgem Maria.

Sumário

- Maria, a bem-aventurada.
 - A perplexidade dos ouvintes.
 - A grandeza da Virgem Maria.
-

JESUS retira-se para um lugar afastado para estar a sós com os seus discípulos. Rodeados de pequenas colinas e de planícies, contemplam o mar da Galileia. Percorreram lugares e aldeias. Onde quer que fossem, proclamavam o Reino de Deus e curavam doentes. Esgotados, precisam de descansar. Mas as pessoas procuram o Mestre. Seguem-n'O multidões vindas de todos os pontos de Israel. E Jesus, olhando para os apóstolos e para toda aquela multidão, começa um discurso que deixou uma impressão profunda entre os ouvintes: as Bem-aventuranças (Mt 5, 1-12; Lc 6, 20-26).

Estas palavras pronunciadas na montanha constituem como que um espelho da vida de Jesus; uma vida passada sempre junto de Maria. N'Ela, o Senhor viu muitas daquelas atitudes que agora propõe como caminho de felicidade: pobreza, mansidão, misericórdia, limpeza de coração, paz... Maria é, como a sua prima Isabel a chamou, a «bem-aventurada» (Lc 1, 45); ou seja, a que se atreveu a abraçar o que o mundo muitas vezes rejeita, mas que Deus olha com predileção.

Maria é bem-aventurada porque se sabe abençoada por Deus mesmo na escassez, na tribulação, na incompreensão... Ela põe sempre a sua confiança no Senhor. «O segredo do seu sucesso reside precisamente em reconhecer-se pequena, em reconhecer-se necessitada. Com Deus, apenas

quantos se reconhecem como nada são capazes de receber tudo. Apenas aqueles que se esvaziam de si são preenchidos por Ele»^[1]. Nestes dias da novena da Imaculada Conceição de Maria, podemos percorrer as Bem-aventuranças acompanhados pela Virgem, pois de certo modo as situações que Jesus descreve no seu discurso fazem parte dos nossos dias. Podemos recorrer a Ela para aprender a situar a origem da nossa confiança em Deus, para que cada dia seja Ele a encher de felicidade a nossa alma.

QUANDO OS DISCÍPULOS e aquelas gentes e escutaram pela primeira vez o discurso das bem-aventuranças, devem ter ficado assombrados. Até então, estavam habituados a entender a prosperidade humana como sinal do amor de Deus. Daí a sua perplexidade ao ouvirem que quem sofre a pobreza ou a injustiça deve ser considerado bem-aventurado. Os esquemas com que julgavam o que sucedia nas suas próprias vidas são postos em dúvida. Mas não são os únicos a surpreender-se ao ouvir estas palavras. Hoje podemos também ter a tentação de pensar que são as realidades materiais ou asseguranças puramente humanas as que nos dão a felicidade: o sucesso económico e profissional, a ausência de problemas, os prazeres e comodidades... Formular assim as coisas leva, ao mesmo tempo, a olhar com repulsa para os sofrimentos que encontramos na vida: dor, incompreensão, doença ou incerteza.

É certo que o que Jesus nos propõe não é que acumulemos todo o sofrimento possível nesta terra, para depois gozarmos no paraíso. S. Josemaria costumava dizer que «a felicidade do Céu é para os que sabem ser felizes na terra»^[2]. Pelo que vemos na vida e ensinamentos de Jesus, Ele deseja antes que não procuremos a felicidade no efémero ou momentâneo, ou no que julgamos poder construir com as próprias mãos, mas que nos preparemos para a encontrar no único capaz de saciar a sede de infinito que há em nós: Ele próprio. Jesus convida-nos a fomentar a convicção de que é muito mais valioso permanecer junto de Deus, fonte da vida que se renova do que experimentar pequenas alegrias fugazes. Como recorda o prelado do Opus Dei: «Detrás das grandes questões, Deus quer abrir-nos um panorama de grandeza e beleza, que talvez esteja escondido aos nossos olhos. É necessário confiar n'Ele e dar um passo para ir ao seu encontro, e superar o medo de pensar que, dessa maneira, vamos perder muitas coisas boas na

vida. A sua capacidade de nos surpreender é muito maior do que qualquer uma das nossas expectativas»^[3].

MARIA SABIA que só em Deus podemos encontrar a verdadeira felicidade. E podemos encontrá-l’O precisamente nas pessoas que temos à nossa volta. No fim de contas, foi isso que procuraram viver os santos: «Procurar o rosto de Deus em tudo, todo o mundo, todo o tempo e a Sua mão em cada acontecimento. É isto que significa ser contemplativo no coração do mundo. Ver e adorar a presença de Jesus, especialmente no aspetto humilde de pão, e no disfarce penoso dos pobres»^[4].

Esta atitude de estar ao mesmo tempo na presença de Deus e *em saída*, procurando como aos que nos rodeiam é a que leva Maria a visitar Isabel. Depois de ter recebido o anúncio do Anjo e de ter respondido que sim, a que vai ser Mãe de Jesus dentro de poucos meses levanta-se para ir ao encontro da sua prima. O trajeto é longo, e mesmo assim não se detém perante as dificuldades. A maior atenção que pode dispensar-lhe é a de levar o próprio Deus a sua casa. E à saudação de Isabel, Maria responde com o Magnificat: «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na humildade da sua serva. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações» (Lc 1, 46-48).

Maria, ao anúncio do Anjo, reconhecia-se como «serva». Agora, no entanto, sabe também que é motivo de bem-aventurança porque Deus reparou na sua humildade. Por isso, como se fosse um prelúdio das Bem-aventuranças, canta ao Senhor, que não repara na riqueza nem no poder, mas sim na pobreza e na humildade. Toda a vida de Santa Maria consistiu em dar espaço a Deus e encontrá-l’O nos outros. «A nossa oração pode acompanhar e imitar essa oração de Maria. Tal como Ela, sentiremos desejo de cantar, de proclamar as maravilhas de Deus, para que a Humanidade inteira e todos os seres participem da nossa felicidade»^[5].

NOTAS

[1] Francisco, Angelus, 15/08/2021.

- [2] S. Josemaría, *Forja*, n. 1005.
- [3] Fernando Ocáriz, “Deixar-se surpreender por um bom Pai”, 25/01/2019.
- [4] Sta. Teresa de Calcutá, *En el corazón del mundo: pensamientos, historias y oraciones*, Ed. José J. de Olañeta, 2016.
- [5] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 144.

1 de dezembro, 2º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 1 de dezembro, segundo dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: a pobreza de Belém; a riqueza da Virgem; o valor de cada pessoa.

Sumário

- A pobreza de Belém.
 - A riqueza da Virgem.
 - O valor de cada pessoa.
-

NO CAMINHO das bem-aventuranças, que percorremos nesta Novena da Imaculada Conceição, podemos hoje considerar porque é que a Virgem foi feliz no meio da pobreza. «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu» (Mt 5, 3). Jesus foi pobre desde o nascimento. Deus poderia ter-Se tornado homem dentro de uma família rodeada de conforto e numa cidade importante. No entanto, fê-lo no ventre de uma mulher simples, a Imaculada Virgem Maria, numa pequena cidade de Israel. O Seu nascimento não teve muito brilho humano. S. Lucas descreve assim: uma mulher «teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria» (Lc 2, 7). Apenas alguns pastores cansados e atónitos testemunharam o que acabara de acontecer. Cristo «não quis nada especial, nenhum privilégio. Tudo se desenvolve com extrema naturalidade: da conceção ao nascimento. (...) O Senhor sabia quão difícil seria a Sua carreira. Mas tinha fome de vir à terra para salvar todas as almas»^[1].

A pobreza que envolve a cena da manjedoura contrasta com a alegria dos seus protagonistas. Pode parecer que, em tais condições, seria difícil alcançar uma certa felicidade. Mas a felicidade de Maria e José não depende das circunstâncias externas nem dos bens que possuem. Eles descobriram uma alegria profunda que não se baseia tanto em realidades passageiras, como na consciência de viver na presença de Deus. Eles são

capazes de ver o Seu amor divino por trás de tudo o que aconteceu naqueles dias: a viagem improvisada a Belém, a falta de espaço na hospedaria, o desconforto da manjedoura... Maria e José podem dizer, em suma, o que S. Paulo escreveria, mais tarde, aos filipenses: «aprendi a ser autónomo nas situações em que me encontro. Sei passar por privações, sei viver na abundância. Em toda e qualquer situação, estou preparado para me saciar e passar fome, para viver na abundância e sofrer carências. De tudo sou capaz naquele que me dá força» (Fl 4, 11-13).

EM BELÉM, Maria sabe que a sua vida, desde as coisas mais práticas até à felicidade mais profunda, depende de José e de Jesus. Todas as gerações poderão chamá-la bem-aventurada não tanto pelo que ela fez, mas, sobretudo, pelo que Deus está a operar no seu coração. Ela não foi Mãe do Salvador pelos seus próprios méritos, mas foi o Senhor quem a escolheu, e Ela respondeu que sim. Agora Ela pôde dar à luz Jesus naquele estábulo graças às atenções de José. Os seus cuidados permitem-lhe recuperar as forças, com a segurança de quem tem em quem se apoiar. Esta é a riqueza que Maria possui neste momento: o reconhecimento de que Ela precisa dos outros.

Deus conta com as pessoas ao nosso redor para nos ajudar, para nos apoiar nos momentos em que nos sentimos mais fracos. Em certa ocasião, o prelado do Opus Dei encorajou-nos a «ver a vida como um caminho de colaboração em que nos apoiamos. Os momentos de contrariedade podem acabar por ser ocasiões favoráveis de crescimento interior, de melhoria pessoal e social: obrigam-nos a sair de nós mesmos, a abrir-nos aos outros»^[2]. Maria sentia-se amparada em todos os momentos por Jesus e José. Ao mesmo tempo, eles também se sentiram apoiados por ela. Assim é na vida de qualquer pessoa. Por maior que seja a incerteza humana, sempre podemos transmitir afeto e serenidade aos outros, e também o contrário: podemos encontrar conforto nas pessoas que nos amam.

Essa dependência que temos dos relacionamentos não é uma limitação, muito pelo contrário. Ali reside uma das fontes de felicidade nesta terra, pois «A alegria não é a emoção de um momento: é outra coisa! A verdadeira alegria não vem das coisas, do ter, não! Nasce do encontro, da

relação com os outros, nasce do sentir-se acolhido, compreendido, amado e de aceitar, compreender e amar; e isto não por um momento, mas porque o outro, a outra, é uma pessoa»^[3]. Em Jesus e na Sua Mãe Imaculada podemos encontrar sempre um amor que nos aceita e nos comprehende.

NÃO SÃO PRECISAS muitas coisas para ser feliz em Belém. Jesus, Maria e José apoiam-se mutuamente. É verdade que as circunstâncias externas do local podem não convidar a amar aquela situação, mas a Sagrada Família abraça essa realidade que tem nas mãos. Também na vida de cada pessoa, Deus nos convida a acolher com serenidade e alegria o que nos acontece, porque Ele sempre nos acompanha. E, antes de mais nada, convida-nos a acolher aqueles que colocou ao nosso lado.

A pobreza de espírito leva a descobrir a riqueza de cada pessoa, mesmo quando existem muitos aspetos que diferem do nosso modo de ser e de viver. O valor de cada um não depende das qualidades ou afinidades que possamos ter, mas do facto de aquela pessoa ter sido amada por Deus e de alguma forma ter sido confiada à nossa companhia. «O segredo da vida é-nos revelado pelo modo como a tratou o Filho de Deus, que se fez homem a ponto de assumir na cruz a rejeição, a debilidade, a pobreza e a dor. Em cada criança enferma, em cada idoso débil, em cada migrante desesperado, em cada vida frágil e ameaçada, é Cristo que está à nossa procura, está em busca do nosso coração, para nos revelar a alegria do amor»^[4].

Quando acolhemos uma pessoa como ela é, com as suas virtudes e defeitos, estamos a acolher a Cristo. É exatamente isso que Maria Imaculada faz com cada um de nós. Quando nos vê, reconhece o rosto de Jesus, porque com a Sua morte nos resgatou do pecado. Ela, como boa Mãe, é a primeira a acolher-nos; sabe reconhecer que «cada alma é um tesouro maravilhoso; cada homem é único, insubstituível. Cada um vale todo o sangue de Cristo»^[5].

NOTAS

[1] S. Josemaria, Meditação, 31/12/1959.

[2] Fernando Ocáriz, Meditação, 11/05/2020.

[3] Francisco, Discurso, 06/07/2013.

[4] Francisco, Audiência, 10/10/2018

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 80.

2 de dezembro, 3º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 2 de dezembro, terceiro dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: os Magos descobrem a mansidão; a ira de Herodes; a terra dos mansos.

Sumário

- Os Magos descobrem a mansidão.
 - A ira de Herodes.
 - A *terra* dos mansos.
-

«BEM-AVENTURADOS os mansos, porque herdarão a terra» (Mt 5, 4). Os Reis Magos viram o cumprimento desta bem-aventurança em Belém, muitos anos antes do dia em que Cristo a pronunciou. É provável que, ao chegar ao presépio, tenham ficado surpreendidos com o ambiente que rodeava Aquele que pretendiam adorar. Talvez imaginassem encontrar outros grandes monarcas da época, impacientes por conhecer aquele Salvador esperado desde há tantos anos. Pelo contrário, o que contemplam é unicamente uma criança reclinada num presépio junto de seus pais. Só uns pastores se tinham aproximado para oferecer o pouco que tinham. Era este o cortejo que acompanhava o Messias.

Os Magos tinham deixado para trás muitas coisas, pelo menos durante certo tempo, para percorrer o caminho que os levava até Cristo: comodidades, bens terrenos, projetos pessoais... Agora apercebem-se de que, para descobrir o Menino Rei, têm de se desprender também de algo muito mais profundo: o seu modo de entender o exercício do poder e da realeza. Procuravam alguém poderoso, e encontram uma criança indefesa. Compreendem que aquele rei no presépio não se impõe pela força, mas pela mansidão. Não domina, antes assume a fragilidade da natureza humana para nos aproximarmos d'Ele.

«Não são os violentos que herdam a terra, no final ela cabe aos mansos: são eles que têm a grande promessa, e assim devemos estar seguros da promessa de Deus de que a mansidão é mais forte do que a violência»^[1]. Aquela cena no presépio deve ter mudado os esquemas que orientavam a vida dos Magos. Quem sabe se desde então não teriam exercido a sua realeza de outro modo, a partir do que tinham visto em Belém. Talvez também tivessem ficado encantados com a atitude da Virgem Maria. “Se alguém merece ser importante, devia ser Ela”, podem ter concluído. E veriam a familiaridade da Mãe com o Filho. Ela, precisamente pela sua mansidão, acolheu com fé a promessa divina e deixou-se transformar por Deus. Podemos-Lhe pedir que, neste terceiro dia da Novena da sua Imaculada Conceição, nos consiga de Deus essa mesma atitude mansa e humilde.

QUANDO Herodes percebeu que os Magos procuravam um rei dos judeus, «turbou-se, e toda a Jerusalém com ele» (Mt 2, 3). Tinha medo de que Aquele que esses misteriosos notáveis procuravam fosse um rival para ele e para a sua descendência. O perigo que representava para o seu reino era elevado, e decidiu que esse menino não podia continuar a viver. Então, sob a aparência de interesse em adorá-l'O, pediu aos Magos que lhe indicassem o seu paradeiro logo que o descobrissem. Mas quando soube que tinham regressado por outro caminho, «irou-se em extremo e mandou matar, em Belém e seus arredores, todos os meninos» (Mt 2, 16).

Herodes, além do medo de perder o seu poder, deixa-se levar pela ira. Pensa que é com a violência que vai garantir a posse do seu reino. E, embora este gesto possa ser visto como uma manifestação do seu domínio temporal, na verdade perdeu algo muito mais importante: a paz, a confiança que o seu povo podia ter. «Um momento de ira consegue destruir muitas coisas; perde-se o controlo e não se dá valor ao que é realmente importante, e pode-se arruinar a relação com um irmão, por vezes sem remédio. Devido à ira, tantos irmãos não se falam, afastam-se um do outro. É o contrário da mansidão. A mansidão reúne, a ira separa»^[2].

A mansidão contempla as dificuldades no seu exato contexto, ajuda-nos a não pretender que as pessoas e as circunstâncias se ajustem sempre ao que

esperamos. A mansidão não pretende dominar os outros, mas facilitar o caminho daquele coração para Deus. Deste modo, se há algo de outra pessoa que, por vezes, nos pode incomodar, esta virtude ajuda a estabelecer prioridades na relação, sabendo que a unidade está acima das diferenças. O que, porém, não quer dizer que a mansidão leve à relutância, isto é, a viver com indiferença o que acontece à nossa volta. De facto, por vezes a sua nota característica será, como dizia S. Josemaria, a rebeldia: «Não me apetece protestar contra tudo sem dar uma solução positiva, não me apetece encher a vida de desordem. Revolto-me contra tudo isso! Quero ser filho de Deus, ter intimidade com Deus, portar-me como um homem que sabe que tem um destino eterno e, além disso, passar pela vida fazendo o bem que puder, compreendendo, desculpando, perdoando, convivendo... esta é a minha rebeldia!»^[3].

QUANDO José soube, através do anjo, que procuravam Jesus para o matar, «levantando-se de noite, tomou o Menino e Sua Mãe, e retirou-se para o Egito» (Mt 2, 14). Esta situação parece contrariar a bem-aventurança que o Senhor mais tarde proclamaria sobre quem serão os herdeiros da terra. Desta vez, os mansos viram-se obrigados a deixar a sua terra, enquanto que a ira de Herodes se estendeu por todo o seu território. À primeira vista parece que venceu o mais forte, aquele que se quer impor pela violência.

Mas a bem-aventurança não se refere tanto a um lugar físico, como a algo muito mais valioso. «O manso é aquele que “herda” o mais sublime dos territórios. Não é um cobarde, um “preguiçoso” que arranja uma moral cómoda para não se meter em problemas. Nada disso! É uma pessoa que recebeu uma herança e não quer dispersá-la. O manso não é uma pessoa complacente, mas o discípulo de Cristo que aprendeu a defender outra terra bem diferente. Defende a sua paz, defende a sua relação com Deus, defende os seus dons»^[4]. Como diz o salmista: «Senhor, minha herança e meu cálice, a minha sorte está nas tuas mãos. Na partilha foram-me destinados lugares aprazíveis e é preciosa a herança que me coube» (Sl 16, 5-6). Este é o *território* que, no fim de contas, o manso chegará a possuir: o próprio Deus.

A Virgem Maria soube viver esse momento de perigo com mansidão porque confiava no Senhor. Certamente, experimentaria cansaço e incertezas, mas acolheu essas dificuldades com serenidade, sem perder a paz: sabia que nada fugia ao plano de Deus. Sem dúvida, Jesus foi testemunha em muitas circunstâncias normais dessa mansidão da sua Mãe. Por isso, quando mais tarde diria «sou manso e humilde de coração», podemos pensar que, em parte, o teria aprendido de Maria. Foi isso que atraiu «o olhar da Santíssima Trindade sobre a sua Mãe e nossa Mãe»^[5].

NOTAS

[1] Bento XVI, Encontro com sacerdotes, 23/11/2012.

[2] Francisco, Audiência, 19/02/2020.

[3] S. Josemaria, Encontro com jovens no Peru, 13/07/1974.

[4] Francisco, Audiência, 19/02/2020.

[5] S. Josemaria, *Sulco*, n. 726.

3 de dezembro, 4º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 3 de dezembro, quarto dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: o perdão de todos os homens; um dom: chorar; ser consolo de Deus.

Sumário

- O perdão de todos os homens.
 - Um dom: chorar.
 - Ser consolo de Deus.
-

CERTAMENTE, parte da vida da Sagrada Família, como em todas as famílias, foi consolar Jesus quando este o necessitava, especialmente sendo criança. Por isso, quando o Senhor disse «felizes os que choram, porque serão consolados» (Mt 5, 4), pode ter sucedido que tenham vindo à sua cabeça lembranças da sua mãe. Ela tinha-o acompanhado em tantos momentos; um consolo que agora também oferece a todos os seus filhos. Neste quarto dia da Novena da Imaculada, podemos contemplar essa cena na qual Maria quis, de alguma maneira, pedir perdão pelos pecados de todos os homens: a Apresentação do Menino e a sua própria Purificação no Templo.

Maria e José chegam a Jerusalém com o Menino Jesus nos braços. Passaram quarenta dias desde o seu nascimento e dirigem-se para o Templo para cumprir com o rito da apresentação do primogénito e a purificação da mãe. Na realidade, não necessitava de realizar este rito, pois não tinha nenhum pecado para limpar: era a Imaculada. Mas fá-lo para nos acompanhar, para que aprendamos a chorar as nossas culpas, e assim, com essa dor, nos unirmos à entrega do seu filho. A Sagrada Família não vai ao Templo simplesmente para cumprir o estabelecido; vai para pedir perdão pelos pecados de toda a humanidade, para implorar a misericórdia e o consolo de que este mundo necessita. A Virgem Maria não se conforma com não ofender a Deus; quer que todos os homens e mulheres – todos os

seus filhos e filhas – descubram a felicidade do amor divino e não caiam na ilusão e dor do pecado.

«Não peças perdão a Jesus apenas das tuas culpas – dizia S. Josemaria –: não O ames com o teu coração somente... Desagrava-O por todas as ofensas que Lhe têm feito, que Lhe fazem e que Lhe hão de fazer..., ama-O com toda a força de todos os corações de todos os homens que mais O tenham amado»^[1]. Maria pode ajudar-nos a olhar para o nosso coração ferido – e o dos outros – e a deixarmo-nos invadir pela dor do pecado. Ela oferecer-nos-á o consolo necessário para que as lágrimas não se transformem em tristeza, mas em desejos de reparar e de recomeçar quantas vezes seja necessário.

NO TEMPLO estava um ancião chamado Simeão. Ele teve a oportunidade de tomar nos seus braços o menino e de ver n'Ele «a consolação de Israel» (Lc 2, 25). Efetivamente, «em toda a vida de Cristo, a pregação do Reino foi um ministério de consolação: anúncio de uma alegre mensagem aos pobres, proclamação de liberdade aos oprimidos, de cura aos doentes, de graça e de salvação a todos»^[2]. Mas para nos abrirmos a esse consolo é necessário primeiro admitir a nossa fragilidade. Às vezes pode ser mais simples esconder a debilidade, viver como se não existisse. Diante do medo de nos mostrarmos vulneráveis, talvez prefiramos não chorar, e esta atitude pode levar-nos a não enfrentar os problemas, a rejeitar a ajuda que o Senhor e os outros poderiam oferecer-nos.

A Virgem Maria ensina-nos a chorar, a reconhecer o nosso pecado para acolher o consolo de Deus. Não é um choro qualquer, mas aquele que sofre pelo mal que fizemos ou pelo bem que deixámos de fazer. «Este é o choro por não ter amado, que nasce da preocupação pelas outras pessoas. Neste caso, choramos porque não correspondemos ao Senhor que nos ama tanto e entristece-nos o pensamento do bem que não praticámos; este é o significado do pecado. Estes dizem: “Ofendi aquele que amo”, e isto fá-los sofrer até às lágrimas. Bendito seja Deus se estas lágrimas surgirem!»^[3]. Podemos pedir a Maria Imaculada que nos dê este seu choro, o de S. Pedro na Paixão e o de tantos santos e santas, que os levou a reconhecer a sua debilidade e a querer Jesus com um amor renovado.

SIMEÃO, depois de abençoar os pais de Jesus, dirigiu-se a Maria e disse-lhe: «Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição – uma espada trespassará a tua alma. Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações» (Lc 2, 34-35). Santa Maria, Mãe de todos na Igreja, leva-nos a partilhar o sofrimento alheio; a deixarmos a nossa alma ser atravessada pelos sofrimentos que os outros possam enfrentar. É assim que nos convertemos em consolo de Deus, já que Ele próprio inunda os nossos corações para que isso transborde à nossa volta.

O Senhor apoia-se nos homens e mulheres para mostrar a sua compaixão. Quando Jerusalém estava destruída, Deus enviou aos seus profetas a seguinte mensagem: «Consolai, consolai o meu povo, é o vosso Deus quem o diz. Falai ao coração de Jerusalém e gritai-lhe: “Terminou a vossa servidão, estão perdoados os vossos crimes, pois já recebeu da mão do Senhor o dobro do castigo por todos os seus pecados”» (Is 40, 1-2). E, inclusive, compara-se a uma mãe: «Como a mãe consola o seu filho, assim Eu vos consolarei; em Jerusalém sereis consolados» (Is 66, 13).

O maior consolo que podemos oferecer aos outros, como fizeram os profetas, é recordar que Deus nos perdoa sempre. Ele «não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas» (Sl 103, 10), canta o salmista. Assim é a forma como a tristeza, mesmo no meio da dor, se transforma em alegria, pela esperança do perdão. Isto é o que sucedeu a Maria Imaculada no Calvário, quando se cumpriu a profecia de Simeão. Estava dilacerada pela dor ao ver o seu Filho na cruz e, com Ele, todas as ofensas do mundo inteiro. Mas, ao mesmo tempo, a sua presença encheu de consolo João e as outras mulheres – a nós também –, ao convidar para dirigirmos o nosso olhar para a ressurreição. Por isso serão felizes os que choram, porque Maria os consolará recordando a vitória do seu Filho sobre o pecado e a morte.

NOTAS

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 402.

[2] S. João Paulo II, 13/08/1989.

[3] Francisco, Audiência, 12/02/2020.

4 de dezembro, 5º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 4 de dezembro, quinto dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: fome e sede de Deus; um olhar de compaixão; o alimento de Jesus.

Sumário

- Fome e sede de Deus.
 - Um olhar de compaixão.
 - O alimento de Jesus.
-

«BEM-AVENTURADOS os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados» (Mt 5, 6). Quando Jesus pronunciou esta bem-aventurança, não se referia tanto à necessidade física, mas a uma necessidade mais profunda. Também não se referiu apenas a uma distribuição adequada dos bens. Essa necessidade é, antes, a mesma necessidade que o salmista descreve quando diz: «Ó Deus, Tu és o meu Deus! Anseio por Ti! A minha alma tem sede de Ti; todo o meu ser anela por Ti, como terra árida, exausta e sem água» (Sl 63, 2). É uma fome que o alimento normal não pode saciar. «Senhor, fizeste-nos para Ti, e o nosso coração está inquieto até que descance em Ti»^[1], comentou Sto. Agostinho.

Maria Imaculada experimentou esta mesma necessidade quando regressou da celebração da Páscoa em Jerusalém. A meio da viagem, percebeu que Jesus não estava na caravana no caminho de regresso. Ela e José «pensando que Ele se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-l'O entre os parentes e conhecidos. Não O tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura» (Lc 2, 44-45). Podemos imaginar a preocupação pela ausência do Menino; uma angústia que também podemos fazer nossa quando perdemos o único que pode satisfazer os nossos desejos mais profundos. «Onde está Jesus? – Senhora: o Menino!... Onde está? Maria chora. – Bem corremos, tu e eu, de grupo em

grupo, de caravana em caravana; não O viram. – José, depois de fazer esforços inúteis para não chorar, chora também... E tu... E eu»^[2].

Em todos os homens e mulheres há um desejo de plenitude que é um sinal da presença de Deus na alma. É uma fome que nos diz quem somos e para onde queremos ir. Por este motivo, não é algo que simplesmente fica satisfeito no momento, mas que orienta toda a nossa vida. «Um desejo sincero sabe como atingir profundamente os acordes do nosso ser. Não se extingue diante de dificuldades ou contratempos. É como quando estamos com sede: se não encontrarmos algo para beber, não significa que desistamos; pelo contrário, a busca ocupa cada vez mais os nossos pensamentos e ações até estarmos dispostos a fazer qualquer sacrifício para o apaziguar, quase obcecados. Obstáculos e falhas não sufocam o desejo, não, pelo contrário, tornam-no ainda mais vivo em nós»^[3]. Nesta cena, Maria sentiu mais do que nunca a sede pelo seu Filho, pois tinha momentaneamente perdido aquele que dava sentido à sua vida.

«AO CABO de três dias encontraram-no no Templo, sentado no meio dos doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos os que o ouviam ficavam espantados com a Sua sabedoria e as Suas respostas» (Lc 2, 46-47). A sede de Maria por Jesus é saciada. No entanto, a alegria de ter recuperado o seu Filho uniu-se também à surpresa. O que fazia aquele Menino ensinando os sábios de Israel?

Jesus, por sua vez, estava a satisfazer a fome que tinham de Deus. Ele tinha sido enviado justamente para satisfazer essa necessidade. E ao contemplar estes anciãos, experimentou algo semelhante ao que mais tarde diria antes da multiplicação dos pães: «Tenho compaixão desta gente, porque há já três dias que estão comigo e não têm que comer» (Mt 15, 32). O Senhor comprehende o nosso sofrimento e, como nessa ocasião, quer que os seus discípulos superem a indiferença e ponham mãos à obra: «Dais-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37). «Queremos o bem – disse S. Josemaria –, a felicidade e a alegria das pessoas da nossa casa; oprime-nos o coração a sorte dos que padecem fome e sede de pão e de justiça; dos que sentem a amargura da solidão; dos que, no termo dos seus dias, não recebem um olhar de carinho nem um gesto de ajuda»^[4].

Podemos supor que, de alguma forma, Jesus desenvolveu um olhar particular de compaixão graças à sua Mãe. Há muitos momentos em que vemos Maria atenta às necessidades dos outros: sente que a sua prima Isabel ficaria grata pelo seu cuidado, nota a falta de vinho em Caná, acompanha os apóstolos nos primeiros passos da Igreja... e ainda hoje continua a ajudar todos os seus filhos a satisfazer a sua fome e sede de Deus.

MARIA e José ficaram surpreendidos quando encontraram o Seu filho no Templo. A Sua Mãe veio ter com Ele e disse: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!». Mas a resposta de Jesus, que são as suas primeiras palavras que a Escritura regista, pode ser intrigante: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» (Lc 2, 48-49).

Jesus fala em várias ocasiões sobre qual é o Seu alimento. Por exemplo, quando conhece a mulher samaritana. A sua sede, na realidade, não era tanto de água, mas de falar a esta mulher sobre o reino de Deus. É por isso que, quando os apóstolos insistem para que coma, diz que tem um alimento que eles não conhecem: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou e consumar a sua obra» (Jo 4, 34). E a vontade do Pai é, como vemos quando ele ensina os anciãos no Templo, proclamar a todos a salvação: «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4). Esta é «a maior justiça que se pode oferecer ao coração da humanidade, que tem uma necessidade vital dela, mesmo que não a compreenda»^[5].

O Evangelista refere que Maria e José não compreenderam estas palavras de Jesus. E assinala, ao mesmo tempo, que a Sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração (cf. Lc 2, 51). Ela antecipa, na sua própria vida, o que o seu Filho apontará como uma característica essencial dos seus discípulos: «Todo aquele que fizer a vontade de Meu Pai que está no Céu, esse é Meu irmão, Minha irmã e Minha Mãe» (Mt 12, 50). Maria também fará seu o alimento com o qual saciará a sua fome e sede de Deus.

NOTAS

- [1] Sto. Agostinho, *Confissões* I, 1.
- [2] S. Josemaria, *Santo Rosário*, quinto mistério gozoso.
- [3] Francisco, Audiência, 12/10/2022.
- [4] S. Josemaria, *Amar a Igreja*, n. 47.
- [5] Francisco, Audiência, 11/03/2020.

5 de dezembro, 6º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 5 de dezembro, sexto dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: Maria move o coração de Deus; Mãe de misericórdia; reconhecer o perdão de Jesus.

Sumário

- Maria move o coração de Deus.
 - Mãe de misericórdia.
 - Reconhecer o perdão de Jesus.
-

«Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5, 7). Uma particularidade desta bem-aventurança é a sua reciprocidade, ou seja, o que damos aos outros ser-nos-á dado como um dom de Deus. E também sucede o inverso: a misericórdia divina que recebemos impele-nos a ser misericordiosos para com os outros. Isto é o que observamos na vida de Maria Imaculada. Na cena das bodas de Caná, por exemplo, vemos como Maria se comove e obtém a bênção do seu Filho em favor dos que estão ali presentes.

Os convidados para a festa estão a celebrar com os noivos. Maria está, ao mesmo tempo, atenta a tudo. Ela nota que falta alguma coisa e conclui: não há vinho. «No meio do júbilo da festa, em Caná, só Maria nota a falta de vinho... Até os mais pequenos detalhes de serviço tocam a alma se, como Ela, se vive apaixonadamente atento ao próximo, por Deus»^[1].

Maria dá conta do problema e o seu coração move-a a procurar uma solução. Ela sabe que o coração do seu Filho é ainda mais rico em misericórdia, e que não Se desinteressa dos problemas dos outros. Por isso se dirige a Ele: «Não têm vinho» (Jo 2, 3). E não diz mais nada. Ela mesma experimentou na sua própria vida que não são necessários grandes discursos para mover o coração misericordioso do seu Filho. Basta que nos

apresentemos necessitados e, sem nos largar a mão, Ele faz o resto. «Maria põe-se de permeio entre o seu Filho e os homens, na realidade das suas privações, das suas indigências e dos seus sofrimentos. Põe-se “de permeio”, isto é, faz de mediadora, não como estranha, mas na sua condição de Mãe, consciente de que, como tal, pode – ou melhor, “tem o direito de” – tornar presentes ao seu Filho as necessidades da humanidade»^[2]. É isso que Ela faz nesta Novena, se colocarmos nas suas mãos as nossas preocupações.

A RESPOSTA de Jesus às palavras de Maria pode parecer que refletem uma certa indiferença: «Mulher, que nos importa isso a Mim e a ti? Ainda não chegou a Minha hora» (Jo 2, 4). É natural que esta forma de Se dirigir à sua Mãe nos pareça desconcertante. «Quereríamos objetar: tens muito a ver com Ela! Foi Ela que Te deu a carne e o sangue, o teu corpo; e não só o teu corpo: com o seu "sim", que pronunciou do fundo do seu coração, gerou-te no seu ventre; com amor maternal deu-Te vida e introduziu-Te na comunidade do povo de Israel»^[3].

A tradição tem visto nestas palavras um paralelismo com a cena do Calvário. Ambos os momentos estão marcados pela presença de Maria. Em Caná, intercede quando ainda não chegou «a hora» do seu Filho; no Calvário, quando esse momento se cumpre, «Jesus confia-lhe a sua Igreja e a humanidade inteira. Aos pés da Cruz, quando aceita João como filho, quando pede ao Pai, juntamente com Cristo, o perdão para aqueles que não sabem o que fazem (cf. Lc 23, 34), Maria, em perfeita docilidade ao Espírito, experimenta a riqueza e a universalidade do amor de Deus, que lhe dilata o coração e a torna capaz de abraçar todo o género humano. Deste modo, é feita Mãe de todos e cada um de nós, Mãe que nos alcança a misericórdia divina»^[4].

Em Caná, Jesus responde com esta aparente frieza porque a *prenda* que tinha em mente era muito mais que o vinho: a sua própria Mãe, através da qual concederia a sua graça em abundância. O coração da Imaculada, atento às necessidades destes esposos, estava chamado a acolher todos os seres humanos, para os reunir no amor infinito e incondicional que Deus nos tem. Ela recorda-nos que o seu Filho não veio «chamar os justos mas os pecadores» (Mt 9, 13). Por isso «nenhum pecado do homem pode cancelar

a misericórdia de Deus, pode impedi-la de expandir toda a sua força vitoriosa, desde que a invoquemos. Mais ainda, o próprio pecado faz resplandecer ainda mais o amor do Pai, que, para resgatar o escravo, sacrificou o seu Filho: a sua misericórdia por nós é redenção»^[5].

MARIA não se contenta com a resposta do seu Filho. Por isso, vai ter com os que serviam e diz-lhes: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). Jesus, então, já não resiste e faz o milagre. Diz-lhes que enchem de água as talhas e quando o chefe de mesa prova o seu conteúdo, fica espantado: «Todos servem primeiro o melhor vinho – diz ele ao noivo –, e quando os convidados já beberam bem, servem o inferior; tu, pelo contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora» (Jo 2, 10).

A festa deve ter continuado com normalidade. Durante a celebração, a maioria dos presentes talvez não tenha tido conhecimento do milagre que tinha acabado de acontecer. Certamente apreciariam o vinho, mas sem saber qual a sua procedência. Por isso, quando mais tarde Jesus convida os que O escutam a serem misericordiosos para receberem misericórdia, está a animar-nos a conceder aos outros os dons mais elevados que temos no coração, sem esperar que nos demonstrem os seus bons méritos, pois é assim que Deus faz connosco. Podemos inclusive oferecer o nosso amor quando fomos injuriados, pois vivemos do dom de Deus: «Cada um deve recordar que precisa de perdoar, que precisa de perdão e que precisa de paciência; este é o segredo da misericórdia: perdoando somos perdoados»^[6]. Deus precede-nos perdoando-nos a nós para que possamos ser misericordiosos para com os outros.

Nesta bem-aventurança, Jesus quer que reconheçamos esta realidade: recebemos mais do que podemos dar. De algum modo, estamos todos «em dívida» para com alguém. Antes de mais, para com Deus, mas também para com tantas outras pessoas que nos deram muito: pais, irmãos, amigos... Por isso necessitamos da misericórdia, porque em muitas dessas relações nunca chegaremos a retribuir o muito e bom que recebemos. Neste caminho de preparação para a festa da Imaculada Conceição, Maria mostra-nos que «só seremos verdadeiramente bem-aventurados, felizes, quando entrarmos na lógica divina do dom, do amor gratuito; se descobrirmos que Deus nos

amou infinitamente para nos tornar capazes de amar como Ele, sem medida»^[7].

NOTAS

- [1] S. Josemaria, *Sulco*, n. 631.
- [2] S. João Paulo II, *Redemptoris Mater*, n. 21.
- [3] Bento XVI, Homilia, 11/09/2006.
- [4] S. João Paulo II, *Veritatis splendor*, n. 120.
- [5] *Ibid.*, n. 118.
- [6] Francisco, Audiência, 18/03/2020.
- [7] Francisco, Mensagem, 15/08/2015.

6 de dezembro, 7º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 6 de dezembro, sétimo dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: encher o coração; necessidade de purificação; preâmbulo da vida eterna.

Sumário

- Encher o coração.
 - Necessidade de purificação.
 - Preâmbulo da vida eterna.
-

S. JOÃO foi o único dos apóstolos que permaneceu junto à cruz. Podemos supor que para ele não adiantava fugir e que era incapaz de abrir mão daquele amor que o preenchia plenamente. Ele tinha dado a Jesus a coisa mais valiosa que possuía: o seu coração. Portanto, Cristo confiou-lhe o maior dos seus tesouros. «Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua Mãe e o discípulo que Ele amava, disse à Mãe: "Mulher, eis o teu filho!". Depois, disse ao discípulo: "Eis a tua Mãe!". E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua» (Jo, 19, 26-27). Neste momento é como se Jesus cumprisse aquela bem-aventurança: «Felizes os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8). Os puros de coração não só O verão, mas também acolherão a Sua Mãe na sua própria casa (cf. Jo 19, 27). «Entregando-nos filialmente a Maria, o cristão, como o apóstolo João, "acolhe entre as suas próprias coisas" a Mãe de Cristo e introdu-l'A em todo o espaço da sua vida interior, isto é, no seu "eu" humano e cristão»^[1].

Sabemos que, na Bíblia, o coração é compreendido não apenas na esfera sentimental, mas também no lugar mais íntimo do homem, aquele que define a própria pessoa. Em S. João vemos um coração apaixonado porque não se contenta com encher-lo de nenhuma realidade. Nos bons e nos maus momentos, vai em busca do que é verdadeiro, do que é nobre, do que reflete o amor de Deus que experimentou em Jesus. O salmista expressa aquela realidade que está ao alcance de todos: «O meu coração murmura por ti, os

meus olhos te procuram; é a tua face que eu procuro, Senhor. Não desvies de mim o teu rosto, nem afastes, com ira, o teu servo. Tu és o meu amparo: não me rejeites nem abandones, ó Deus, meu salvador!» (Sl 27, 8-9). Somente Deus pode satisfazer plenamente os desejos do coração humano. Por isso, quando João O encontrou, pôde exclamar como Job: «Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos» (Jb 42, 5). Neste sétimo dia da Novena da Imaculada Conceição podemos cultivar com a Virgem Maria o desejo de buscar a face de Jesus. «Pois, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração» (Mt 6, 21), disse o Senhor em certa ocasião. Precisamente a Sua Mãe ajuda-nos a descobrir que «O bem mais precioso que podemos ter na vida é a nossa relação com Deus»^[2].

NO EVANGELHO, ao contrário de S. João e de Maria, há personagens que, apesar de terem Jesus à sua frente, não O reconhecem. É o caso dos discípulos de Emaús. Estavam a discutir a recente morte do Senhor quando, «enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer» (Lc 24, 15-16). Deus queria curar a cegueira interior que impedia esses discípulos de entender o que tinha acontecido em Jerusalém e de acreditar n'Ele. Por isso, Jesus sai ao seu encontro, e ainda hoje o faz connosco. «Não tateamos no escuro, não vagamos em vão em busca do que pode ser certo, não somos como ovelhas sem pastor, que não sabem onde está o caminho certo. Deus manifestou-Se. Ele mesmo nos mostra o caminho». Jesus, àqueles discípulos, ao final de um dia que começou com uma reprevação, abrir-lhes-á os olhos – «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram!» (Lc 24, 25) – e terminará com a fração do pão.

Pela graça de Deus e pela sua delicada correspondência, Maria não experimentou a cegueira interior que vem do pecado. Ela nem sempre comprehendia todos os acontecimentos, mas os seus sentidos eram claros e abertos à sabedoria divina. Por isso soube encontrar o sentido da sua existência no filho que concebeu e que, indefeso, teve nos braços. Ela nos ajuda a purificar o olhar para reconhecer Cristo que passa nas nossas vidas. A fraqueza humana e a ferida do pecado levam a valorizar a história a partir

de categorias simples e mundanas, e a esperar falsas promessas que deixam o coração triste porque não são as promessas de Deus. Maria pode acompanhar-nos nestes dias da Novena na nobre batalha «contra os enganos internos que os nossos pecados geram. Porque os pecados mudam a visão interior, mudam a avaliação das coisas, mostram coisas que não são verdadeiras, ou pelo menos não são assim tão verdadeiras»^[3].

Esta necessidade de purificar o coração não é uma humilhação. Pelo contrário, leva-nos a despertar o desejo de ver o rosto de Jesus. Todos os santos passaram por essa experiência. S. Pedro respondeu ao chamamento de Cristo não se vangloriando dos seus méritos e talentos, mas reconhecendo a sua cegueira: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador» (Lc 5, 8). E, neste sentido, S. Josemaria escreveu: «Eu coroo a Mãe de Deus e minha Mãe com as minhas misérias purificadas, porque não tenho pedras preciosas nem virtudes»^[4]. Reconhecer-se pecador é o primeiro passo para a pureza do coração, que por sua vez nos permite redescobrir o rosto do Senhor, tão semelhante ao da Sua Mãe.

PODE PARECER que a bem-aventurança sobre os puros de coração e a visão de Deus se refere à contemplação que alcançaremos apenas na vida futura. Ou seja, como se fosse necessário esperar pelo céu para receber a recompensa pela pureza de coração. No entanto, esta promessa de Jesus permite-nos saborear a presença de Deus também na terra. O Catecismo da Igreja diz que «a pureza de coração é o preâmbulo da visão. A partir de agora esta pureza permite-nos ver segundo Deus, receber o outro como "próximo"; permite considerar o corpo humano, o nosso e o do próximo, como templo do Espírito Santo, manifestação da beleza divina»^[5].

Maria nem sempre pôde ver o seu Filho face a face. Na verdade, Ela passou algum tempo sem Ele depois da Ascensão. Apesar de tudo, não esqueceu a missão que lhe havia confiado antes de morrer na cruz: «Mulher, eis aí o teu filho». A partir desse momento, acolheu no seu coração puro todos os homens de todos os tempos, e em cada um reconheceu o mesmo rosto de Jesus. Ela não veria simplesmente “pessoas”, mas filhos pelos quais o seu Filho deu a vida.

A pureza de coração leva-nos a ver Deus em tudo o que nos acontece. Em primeiro lugar, em cada pessoa. Fomos criados para um amor que não olha para o outro como se fosse um objeto disponível para o nosso uso, alguém que podemos dominar de acordo com o nosso interesse ou mesmo à mercê do nosso capricho. Trata-se antes do amor benigno descrito por S. Paulo: paciente, bondoso, generoso, humilde... (cf. 1Cor 13, 4-8). Um amor, em suma, que chega a ver em cada pessoa a imagem de Cristo; o mesmo que moldou a vida da Imaculada Conceição. «Não existe coração mais humano do que o de uma criatura que transborda de sentido sobrenatural. Pensa em Santa Maria, a cheia de graça, Filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho, Esposa de Deus Espírito Santo: no seu Coração cabe a humanidade inteira sem diferenças nem discriminações. Cada um é seu filho, ou sua filha»^[6].

NOTAS

[1] S. João Paulo II, *Redemptoris Mater*, n. 45.

[2] Francisco, Mensagem, 31/01/2015.

[3] Francisco, Audiência, 01/04/2020.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 285.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2519.

[6] S. Josemaria, *Sulco*, n. 801.

7 de dezembro, 8º dia da Novena da Imaculada

Reflexão para meditar no dia 7 de dezembro, oitavo dia da Novena de preparação para o dia da Imaculada Conceição. Os temas propostos são: Maria, Rainha da Paz; reconciliação com o próprio irmão; a paz dos filhos de Deus.

Sumário

- Maria, Rainha da Paz.
 - Reconciliação com o próprio irmão.
 - A paz dos filhos de Deus.
-

JESUS SUBIU ao céu. Os Apóstolos, apesar de terem testemunhado a sua ressurreição, ainda têm um certo receio das autoridades. Neste momento, vemos que eles perseveram «unâimes em oração» (At 1, 14). Eles precisam de se apoiar uns aos outros. E nestas reuniões Maria Imaculada ocuparia um lugar especial. Tinham-na acolhido como sua mãe. Ela trata-os como filhos. No meio de um clima hostil, eles encontrariam na sua presença a mesma segurança que uma criança tem nos braços da sua mãe. Uma paz que alcançará uma medida plena com o envio do Espírito Santo, que lhes permitirá dirigir-se a Deus como Pai. Isto é o que S. Paulo escreve na mesma época: «Deus enviou o Espírito do seu Filho aos nossos corações, que clama: “Abba, Pai”. Então já não sois servos, mas sim filhos» (Gl 4, 6-7). Com o envio do Paráclito, os Apóstolos poderiam enfrentar a violência e a hostilidade com a paz que veem em Maria, a cheia de graça. Como a Ela, estas palavras de Jesus podem ser-lhes aplicadas: «Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9).

O Espírito Santo dá testemunho nas nossas almas de que, pela graça, somos filhos de Deus em Cristo. E «esta é a nossa força e a nossa segurança – comenta o prelado do Opus Dei –, por saber que somos amados por um Pai que sabe todas as coisas e pode fazer todas as coisas»^[1]. Com a Anunciação e a Encarnação de Jesus, a Trindade fixou-se na alma de Maria,

que se tornou filha de Deus Pai, Mãe de Deus Filho e Esposa de Deus Espírito Santo. Esta relação com as Pessoas divinas permitiu-lhe aceitar com serenidade as dificuldades da vida, especialmente aquelas que Ela teria de sofrer como Mãe de Jesus Cristo, que não seriam outras senão a do seu próprio Filho. Os Apóstolos refugiam-se nela porque Maria transmite a paz que é o fruto da comunhão íntima com Deus. Neste oitavo dia da Novena da Imaculada Conceição, podemos voltar-nos para Ela, como os discípulos, invocando-A como Rainha da Paz. «Quando se agitar a tua alma, o teu ambiente familiar ou profissional, a convivência em sociedade ou entre os povos, não deixes de a aclamar com este título: “*Regina pacis, ora pro nobis*”. Rainha da paz, roga por nós! Experimentaste-o, ao menos, quando perdeste a tranquilidade?»^[2].

JESUS REALIZOU a paz com a sua própria vida. Com o seu sangue reconciliou duas realidades que desde o pecado de Adão estavam em confronto. Ele uniu o céu e a terra, Deus e o homem. Em suma, Ele abriu-nos as portas da vida eterna ao dar-se a Si próprio. É por isso que o pacífico não é simplesmente alguém que tenta levar duas partes a um acordo: ele próprio, com a sua vida, cria a paz onde quer que esteja.

Supostamente, os apóstolos teriam diferenças entre si. Nos Evangelhos vemos que cada um tinha a sua própria maneira de ser e de compreender a realidade. E isto, como acontece em qualquer família, causaria algumas tensões. Com o passar do tempo e com a graça de Deus, os seus corações seriam transformados, até se tornarem os santos que hoje veneramos. Neste caminho, os encontros em torno da Santíssima Virgem Maria terão fomentado esta santa comunhão de corações. Da união de Maria com Jesus aprenderiam o valor de preservar a paz com Deus e com os seus irmãos e irmãs, mesmo com aqueles que parecem ser seus inimigos. Ao nível mais próximo, a família, lembrar-se-iam do que tinham ouvido dos lábios do Mestre: «Se, ao trazer a tua oferenda ao altar, te lembras que o teu irmão tem algo contra ti deixa a tua oferta e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão» (Mt 5, 23- 24). Para Jesus era mais importante estar em paz com um irmão do que qualquer rito no Templo, por mais solene que fosse. Com estas palavras, compreendemos que Jesus não quer que vivamos de tréguas nas nossas relações, com fraturas não cicatrizadas com as quais vivemos

pacificamente. Ele anseia por que tenhamos a verdadeira paz, a paz que põe de lado as nossas próprias opiniões ou perspetivas de vida para alcançar um bem mais precioso: a comunhão que nos leva a saber que somos filhos de Deus. «Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9).

Essa paz, porém, não é uma questão de simplesmente aturar as faltas ou insultos mais ou menos graves dos outros, como se fosse inevitável. Aquele que trabalha pela paz é o primeiro beneficiário deste desejo. Não só porque gosta da comunhão restaurada, quando é alcançada, mas também porque desenvolve um olhar e um coração que gera mais paz e compreensão onde está, como fruto do Espírito Santo. Mesmo aquilo que antes era, talvez, uma pequena guerra com um irmão, agora descobre-a como uma forma de união, de purificação, de abertura à graça. «Eles são chamados filhos de Deus, aqueles que aprenderam a arte da paz e a praticam, que sabem que não há reconciliação sem o dom da própria vida, e que a paz deve ser sempre e em todos os casos procurada»^[3]. Não há ninguém melhor do que uma mãe para reconciliar dois irmãos. Como os Apóstolos, na nossa Mãe Imaculada encontramos a força para curar e para encher as nossas relações com os nossos irmãos e irmãs da paz de Deus.

A PAZ REFERIDA na beatitude não é apenas uma questão de harmonia interior, de ausência de dificuldades. «Este significado da palavra "paz" é incompleto e não deve ser absolutizado, porque na vida, a inquietação pode ser um momento importante de crescimento. Muitas vezes é o próprio Senhor que semeia inquietação em nós para que saímos em busca d'Ele, para o encontrar»^[4]. Na realidade, o próprio Jesus é apresentado como «sinal de contradição» (Lc 2, 34), de modo que não é a nossa própria segurança que nos assegura a paz, mas a paz que Ele próprio nos dá, diferente da do mundo (cf. Jo 14, 27).

É difícil imaginar uma vida sem complicações. Todos nós vivemos frequentemente situações que nos abalam. Mesmo a Maria Santíssima não foi pouparada a dor, cansaço ou incerteza. É por isso que Jesus não promete uma simples serenidade humana, pois está consciente da nossa fragilidade. A paz que Ele nos oferece é marcada pela confiança que os filhos de Deus

têm com o seu Pai. «Mesmo que tudo se afunde e chegue ao fim – escreveu S. Josemaria –, ainda que tudo se vá abaixo e se acabe; ainda que os acontecimentos se sucedam ao contrário do previsto, com tremenda adversidade; nada se ganha perturbando-se. Além disso, recorda a oração confiante do profeta: “O Senhor é o nosso Juiz; o Senhor é o nosso Legislador; o Senhor é o nosso Rei; Ele é quem nos há de salvar”. Reza-a devotamente, todos os dias, para acomodar a tua conduta aos desígnios da Providência, que nos governa para nosso bem»^[5].

S. Lucas menciona a atitude de Maria quando foi confrontada com algo na sua vida que a poderia ter perturbado porque Ela não a compreendia. «Ela guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2, 51). Também nós, como os Apóstolos nos primeiros passos da Igreja nascente, podemos deixar as nossas preocupações nas mãos da Imaculada Conceição. Ela intercederá como uma boa mãe e obterá para nós a paz dos filhos de Deus.

NOTAS

[1] Fernando Ocáriz, Meditação, 08/10/ 2022.

[2] S. Josemaria, *Sulco*, n. 874.

[3] Francisco, Audiência, 15/04/2020.

[4] *Ibid.*

[5] S. Josemaria, *Sulco*, n. 855.

8 de dezembro, Imaculada Conceição de Maria

Reflexão para meditar no dia 8 de dezembro, Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria, Padroeira de Portugal. Os temas propostos são: o dogma da Imaculada Conceição de Maria; a beleza de uma vida santa; chamados a uma vida de fé, esperança e caridade.

Sumário

- O dogma da Imaculada Conceição de Maria.
 - A beleza de uma vida santa.
 - Chamados a uma vida de fé, esperança e caridade.
-

«Ó MARIA, glória do mundo, filha da Luz eterna, a quem o teu Filho preservou de toda a mancha»^[1]. Hoje celebramos com toda a Igreja a santidade de Maria, a mulher de Nazaré que recebeu todos os dons e frutos do Espírito Santo. Desde os primeiros tempos, os escritores cristãos referiram-se à Virgem como a *nova Eva*, reconhecendo que estava associada de modo particular a uma *nova criação* do mundo, a obra da redenção. O Papa Pio IX definiu o dogma da Imaculada Conceição de Maria em 8 de dezembro de 1854 através da bula *Ineffabilis Deus*.

A fórmula central do documento, onde se define de maneira clara a fé da Igreja, diz: «A doutrina que defende que a bem-aventurada Virgem Maria foi preservada imune de toda a mancha do pecado original no primeiro instante da sua conceção por singular graça e privilégio de Deus omnipotente, em atenção aos méritos de Jesus Cristo salvador do género humano, está revelada por Deus e deve ser, portanto, firme e constantemente crida por todos os fiéis»^[2].

A primeira leitura da Missa apresenta um dos textos bíblicos que o Papa cita na bula: o relato da expulsão do paraíso dos nossos primeiros pais, depois do pecado original. No entanto, a narração inclui também um anúncio cheio de esperança. O Senhor dirige-se à serpente tentadora e diz-

lhe: «Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar» (Gn 3, 15). Esta passagem é chamada o protoevangelho porque é o primeiro anúncio da nossa salvação.

S. João Paulo II chamava a atenção que, tradicionalmente, o texto do Génesis «inspirou muitas representações da Imaculada, que esmaga a serpente debaixo dos seus pés (...). Esta tradução não corresponde ao texto hebraico, no qual quem pisa a cabeça da serpente não é a mulher, mas a sua linhagem, o seu descendente. Esse texto, por conseguinte, não atribui a Maria, mas ao seu Filho, a vitória sobre Satanás. Contudo, uma vez que a conceção bíblica estabelece uma profunda solidariedade entre o progenitor e a descendência, é coerente com o sentido original da passagem a representação da Imaculada que esmaga a serpente, não por virtude própria, mas pela graça do Filho»^[3].

O PREFÁCIO da Missa considera o mistério que une Maria à origem da Igreja: «Vós preservastes a Virgem santa Maria de toda a mancha de pecado original, para fazer d'Ela, enriquecida com a plenitude da vossa graça, a digna Mãe do vosso Filho e assinalar o início da Igreja, esposa de Cristo, sem mancha nem ruga»^[4]. A partir da conceção imaculada de Maria, aquele momento da história que recordamos hoje com alegria, começa o tempo da Igreja, que é o nosso.

Todos estamos chamados a imitar a santidade da nossa Mãe. Porém, ao considerar este convite, talvez se manifeste em nós «a suspeita de que uma pessoa que não peca de modo algum, no fundo seja tediosa; que falte algo na sua vida: a dimensão dramática de ser autónomo»^[5]. Apesar de sabermos que não é correto, pode ser que nos assombre a inquietação de que, em certo sentido, só chegaremos a ser plenamente humanos quando experimentamos essa tensão que parece estar ausente na vida da Virgem.

«Contudo, quando olhamos para o mundo à nossa volta, podemos ver que não é assim, ou seja, que o mal envenena sempre, não eleva o homem, mas rebaixa-o e humilha, que não o enobrece, não o torna mais puro nem mais rico, mas prejudica-o e enfraquece-o. É sobretudo isto que devemos

aprender no dia da Imaculada: o homem que se abandona totalmente nas mãos de Deus não se torna num fantoche de Deus, numa pessoa maçadora e conformista; não perde a sua liberdade. Só o homem que se coloca totalmente nas mãos de Deus encontra a verdadeira liberdade, a amplitude grande e criativa da liberdade do bem»^[6]. Em suma, o homem que segue os passos da nossa Mãe encontra-se a si próprio e pode aproximar-se mais de cada pessoa.

Esse é o sonho de Deus que se vislumbra no Evangelho de hoje, quando Maria recebe o anúncio da sua vocação (Lc 1, 26-38). E é também expressão do misterioso desígnio de Deus para cada pessoa. Como diz S. Paulo na segunda leitura da Missa: «N'Ele nos escolheu, antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, em caridade, na sua presença» (Ef 1, 4).

«O ANJO, entrando na sua presença, disse: “Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo”» (Lc 1, 28). Conhecer os planos de Deus é motivo de alegria. Participar neles é o caminho da felicidade na terra e no céu. Podemos dizer que são dois os aspetos essenciais desta saudação angélica: por um lado, o convite à alegria, já que o Filho de Deus anunciado no Génesis está quase a encarnar-se; por outro lado, está a constatação da plenitude da graça de Maria, pois revela-nos que a Virgem é completamente santa, que nela se manifestaria numa plenitude de fé, esperança e caridade.

Nós também desejamos ser cumulados de fé e viver segundo os planos de Deus. Queremos uma fé que permaneça sempre e que se manifeste de modo fecundo quando enfrentarmos a dor e as dificuldades; sabemos que «se Deus quis, por um lado exaltar a sua Mãe, por outro, durante a sua vida terrena, não foram poupados a Maria a experiência da dor, nem o cansaço do trabalho, nem o claro-escuro da fé»^[7]. Desejamos viver também de esperança, pois temos a certeza de que estamos a participar na vitória do redentor. Como os apóstolos reavivaram a sua esperança ao ver a glória de Jesus no Tabor, também nós ao contemplar a cheia de graça nos enchemos de otimismo na nossa missão, inclusive quando humanamente estivermos a passar por algum momento um pouco mais custoso. «Que nos momentos de dificuldade, Maria, a Mãe que Jesus ofereceu a todos, possa sempre

amparar os nossos passos e dizer ao nosso coração: “Levanta-te! Olha para a frente, olha para o horizonte”, porque Ela é Mãe da esperança»^[8].

Pedimos a Santa Maria, por último, que nos obtenha do seu Filho Jesus uma maior caridade para intensificar o nosso amor a Deus e aos outros. Ser filhos de tão boa Mãe far-nos-á parecer ao seu Filho, que passou pela terra fazendo o bem e acendendo nos corações a luz sempre nova e eficaz da graça divina.

NOTAS

[1] Liturgia das Horas, Solenidade da Imaculada Conceição, Hino de Laudes.

[2] Pio IX, Carta apostólica *Ineffabilis Deus*, n. 18.

[3] S. João Paulo II, Audiência Geral, 29/05/1996.

[4] Prefácio, Missa na Solenidade da Imaculada Conceição de Maria.

[5] Bento XVI, Homilia, 08/12/2005.

[6] *Ibid.*

[7] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 172.

[8] Francisco, Audiência geral, 10/05/2017.